

Situação do Brasil preocupa os credores

Aldori Sáiva

Nova Iorque — A fragilidade das instituições, a corrupção oficial, a crise de comando do Governo, o recrudescimento dos problemas sociais do país e a desvinculação da ação parlamentar dos anseios populares preocupam os credores externos, o que tornam o Brasil negócio de alto risco, na avaliação de autoridades e homens de negócios americanos. Se de um lado essas vulnerabilidades afastam novos investidores, diante do temor de convulsões sociais e intervenção militar, de outro aconselha que é mais cauteloso auxiliar política e financeiramente a transição democrática brasileira. Esses argumentos são largamente explorados e foram novamente pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega em sua viagem aos Estados Unidos, para prevenir quanto a um eventual rompimento das relações financeiras com os bancos credores. Aos empresários, banqueiros e autoridades do Governo mais informados sobre a realidade brasileira, não é preciso lembrar explicitamente que a questão da dívida envolve todos o jogo da transição, segundo observou a autoridade brasileira. O esgotamento das soluções tradicionais (pagamento dos compromissos externos com saldos comerciais onerosos para a economia internacional) não só para o Brasil, mas para todos os países em desenvol-

vimento, exige outro posicionamento dos bancos, preocupados com a efervescência dos problemas Sociais no Terceiro Mundo.

“A manutenção deste modelo “debilitado” coloca em risco a estabilidade dos governos em fase de transição democrática e pode trazer consequências imprevisíveis para os investidores no Brasil — ressaltou o assessor brasileiro. Dessa forma, quando um banqueiro de grande porte negocia com o Brasil, sabe que tem pouca margem de manobra, a não ser exigir o cumprimento de programas de austeridade (já flexíveis), pois a dívida não pode e não vai ser paga, na atual situação econômica-social de todos os países endividados. Do outro lado da mesa de negociação está o Brasil, vulnerável por representar a fragilidade de suas instituições, mas exatamente por isso, com poder de barganha: “Ser fraco às vezes é confortável”, observou o negociador brasileiro. O clima de negociações é de verdadeiro cansaço. De um lado os grande bancos americanos, querendo apressar o acordo, por não ter outra opção. De outro, os pequenos bancos, que não querem negociar com o País, por todos os riscos que representa. E ainda há os europeus que já acumularam reservas para bancar eventuais prejuízos.